

Doce salgado

O custo de manutenção de uma casa de mel – exigência para a comercialização do produto com selo do Serviço de Inspeção Federal – pode chegar a R\$ 6 mil/mês, custo que limita a expansão da atividade

AMANDA SAMPAIO

FOTOS: JOSÉ MEDEIROS

Everson Jorge de Aquino Nunes, apicultor de 43 anos residente em Poconé, no Pantanal Mato-grossense, se vê diante de um dilema: não pode aumentar sua produção de mel e buscar novos mercados por falta de uma casa de mel inspecionada na cidade. Entregar mel para um entreposto certificado, porém, significa perder renda. Vendendo seu produto para familiares e amigos, ele consegue R\$ 10 para cada quilo de mel envasado; um entreposto paga de R\$ 3 a R\$ 3,50 por quilo no estado.

A explicação para essa diferença de preços é que o custo de manutenção da casa de mel pode chegar a R\$ 6 mil/mês, em função de despesas com funcionários e de controle sanitário para cumprir as exigências do Serviço de Inspeção Federal (SIF). Para estabelecimentos que envasam o produto, exigem-se constantes análises laboratoriais para detectar micro-organismos e umidade no mel, contratação de





Everson Jorge de Aquino Nunes, apicultor em Poconé

um veterinário e de uma empresa para controle de insetos e roedores.

Nunes é daqueles sujeitos que estão sempre procurando um meio de progredir. Depois de se dedicar à criação de galinhas e carneiros no entorno de Poconé, decidiu investir em apicultura: fez um curso no Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-MT) e montou alguns apiários à sombra de matas nativas, em propriedades de amigos pecuaristas. No ano passado, deu mais um passo para transformar a venda de mel em sua principal fonte de renda: aumentou a quantidade de colmeias de 22 para as atuais 48. Mesmo otimista para a próxima safra – a última foi prejudicada pelo clima –, o apicultor poconeano ainda não sabe muito bem como resolver a questão comercial.

Ele faz parte da Associação de Apicultores e Produtores de Mel Orgânico do Pantanal (Apiopan), cujos participantes colheram 18 t em 2008. Os diretores da entidade já encaminharam projeto à Câmara dos Deputados, em Brasília, solicitando recursos públicos para a construção da unidade. Na opinião de Nunes, falta vontade política para que a obra saia do papel. “Tem muita gente em Poconé esperando que a casa de mel seja construída para montar um apiário. Se conseguirmos um selo do SIF, a tendência é triplicar nossa produção. Acho que o preço de atacado compensará pela maior quantidade de mel que passaremos a fornecer”, diz. (veja box)

DESCRENÇA – Cáceres, outro município pantaneiro (210 km a sudoeste de Cuiabá), está um passo à frente de Poconé neste quesito. Um entreposto, construído com recursos públicos, está em fase de conclusão; o prédio está pronto, faltava chegar o maquinário. A unidade é vista com certo receio pelos componentes da

Associação dos Apicultores do Alto Pantanal (Apialpa). Os motivos para apreensão são o custo fixo alto de manutenção, o baixo preço pago por quilo de mel e o custo agregado para poder comercializar produtos com SIF. Para Luciano Pinto de Arruda, apicultor desde 1986 no município, não compensa produzir para vender no atacado. “Na forma como comercializo, vendo em média a R\$ 12 reais/kg de mel, sem incluir os frascos. Um entreposto compra cada quilo de mel a cerca de R\$ 3,50, valor que hoje é meu custo de produção”. A saída, de acordo com ele, seria aumentar a quantidade de mel produzida no município e tentar alcançar mercados em grandes centros urbanos, como São Paulo.

Arruda tem sete apiários com 90 colmeias, todos no Pantanal. Sua produção em 2009 foi de 1,8 t, mas ele não está satisfeito com o retorno financeiro da atividade. Seu pico de produção foi em 2007, quando estava com 200 colmeias que lhe renderam 6 t de mel. Mas, na época, ficou com excedente e acabou vendendo seu produto pelo preço de custo. “A quantidade que produzo hoje é o quanto consigo vender na cidade. A conclusão a que cheguei é que não podemos ser um produtor profissional de mel”.

Dois de seus amigos que abandonaram outras atividades para se dedicar somente à apicultura acabaram voltando atrás. “A apicultura não oferece rentabilidade que seja significativa”, diz. Ele acredita que a atividade é ideal para pequenos sítiantes que têm apiários na propriedade, pois os gastos com deslocamento até as caixas são menores.

PASSO A PASSO - Se obter boa renda com apicultura ainda é um sonho para Nunes e uma quimera para Arruda, para Sérgio Selmer – considerado o maior produtor de mel do estado –, viver da atividade é uma realidade. No ano passado, Selmer chegou a 400 caixas colmeias distribuídas em 22 apiários, o que garantiu a produção de 24,7 t, uma média de 60 kg/colmeia. As caixas estão instaladas em oito propriedades de amigos e, pelo aluguel das terras, o apicultor entrega a cada um deles 1 kg de mel/caixa/ano.

Selmer está há 20 anos em Santa Carmem (493 km ao norte de Cuiabá) e co-

meçou pequeno. Quando ainda morava no Rio Grande do Sul, tinha 40 caixas colmeias como atividade complementar. Quando veio para Mato Grosso, sua atividade principal era o cultivo de uma horta, depois passou a ser comerciante de materiais de construção. Foi quando começou a formar um novo apiário com 20 caixas que produziam no máximo 22 kg cada uma. O número de clientes foi aumentando e a produção também. Em 2005, quando produziu 17 toneladas de mel, decidiu que dava para transformar a apicultura em sua principal fonte de renda.

Mesmo sendo responsável pela maior produção melífera do estado, Selmer não está livre do entrave da comercialização sem selo de inspeção. Em 2007, quando produziu 24 t de mel, teve um excedente de 15 t. Foi preciso se juntar a dois amigos apicultores da região para fretar uma carreta e, assim, enviarem juntos 23 t do produto em tambores para um entreposto em Santa Catarina. Em seu município, ele comercializa o mel envasado a R\$ 7,50/kg; para a empresa, vendeu o produto a granel a R\$ 3/kg. “Cada passo que o apicultor dá, a produção aumenta um pouco e ele encontra dificuldades de comercialização. Aconteceu isso comigo, mas consegui cada vez mais espaço de venda”, observa.

No ano passado, surgiu outra demanda – desta vez dentro do próprio estado – e o gaúcho vendeu 4,5 t de mel a R\$ 3,20/kg para a Cooperativa de Apicultores do Mato Grosso (Coapismat). A cooperativa precisava completar o estoque de mel que revende para a Conab. Selmer reclama da falta de casas de mel nas cidades mato-grossenses e de alguns entrepostos



Apicultura no Pantanal: vegetação farta, lucro difícil

no estado, principalmente para atender a pequenos produtores. Ele faz parte da Associação dos Apicultores do Norte do Mato Grosso (Apisnorte), que tem 30 associados ativos em oito municípios da região. Através da associação, eles têm tentado aprovar projetos para a construção de um entreposto com SIF em Sinop.

Quando o assunto é apicultura, Selmer não cochila. Já fez cursos do Senar, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e participa de congressos nacionais e regionais. Há dois anos, fez sua carteira nacional de apicultor da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA). “Tudo o que falar de apicultura, estou lá!”. Seu conselho para aqueles que desejam ter sucesso na atividade, mesmo que seja de modo complementar, é ter dedicação às abelhas. “Primeiro, a pessoa tem que gostar; se não, não tem jeito. Se um manejo tiver que ser feito hoje, não se pode deixar para amanhã”, orienta.

PRODUÇÃO – Em Mato Grosso, a região Sudoeste é a maior produtora de mel, tanto é que Conquista D’Oeste (538 km a oeste da capital) se tornou berço da Federação das Entidades Apícolas de Mato Grosso (Feapismat) e da Coapismat. Em 2006, quando foi fundada, a Coapismat recebia 18 t de mel de seus membros. Dois anos depois, apicultores de oito municípios da região Médio-Norte entregaram 45 t. Desse total, 36 t foram vendidas à Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que destinou o produto à merenda escolar no estado.

Marlene Aparecida da Silva, presidente da cooperativa, diz que, desde 2005, a região foi incentivada por um Arranjo Produtivo Local (APL) do Sebrae que ajudou a aumentar a produção de mel (veja box). Daí veio a necessidade de um espaço para processar o produto e abrir as portas à sua comercialização, e um entreposto com selo do Serviço de Inspeção Sanitária Estadual (Sise) foi

Arranjo Produtivo Local

O Arranjo Produtivo Local (APL) da região Sudoeste engloba 21 municípios, desde Vila Bela da Santíssima Trindade (521 km a noroeste de Cuiabá) até Cáceres. Municípios-âncora como Conquista D’Oeste, Comodoro e Porto Esperidião já possuem casas de mel. Poconé, que fica no Vale do Rio Cuiabá (Baixada Cuiabana), também foi incluído para que seu potencial produtivo de mel seja desenvolvido.

Helen Camargo, técnica da unidade de agronegócio do Sebrae-MT, explica que o APL é uma união de forças entre a instituição e seus parceiros como Senar, Empaer, Indea, Feapismat, universidades, Banco da Amazônia e MT Regional. Como ponto de partida, foi feito um levantamento para conhecer as necessidades e oportunidades que havia na região para o fortalecimento da cadeia produtiva da apicultura. “Cada parceiro, com seu know-how, atuou para potencializar a cadeia na região. Tanto

para quem já era apicultor quanto para agregar novos produtores”, diz.

Parceiros e apicultores estão empolgados com a possibilidade de a atividade deslanchar de vez no estado. Prova disso é que Cuiabá sediou, de 19 a 22 de maio, o XVIII Congresso Brasileiro de Apicultura e VI Congresso de Meliponicultura. Os congressistas tiveram acesso a informações sobre tecnologias da atividade, mercado e temas relacionados às meliponas – abelhas nativas sem ferrão, cujo mel é considerado medicinal. O evento foi realizado por Sebrae, Feapismat, Confederação Brasileira de Apicultura (CBA) e governo de Mato Grosso.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Rio Grande do Sul, Paraná e Piauí foram juntos responsáveis por 43% do total de 37,7 mil t do produto na safra de 2008 no país. Mato Grosso ocupa a 13ª posição no ranking do instituto, com uma produção de 493 t de mel no mesmo ano. A produção melífera por membros das associações de apicultores do estado alcançou um total de 270 t em 2008, segundo dados da Federação das Entidades Apícolas de Mato Grosso (Feapismat). São cerca de 1,2 mil apicultores no estado, em torno de 30 associações e de 12 a 15 mil colmeias.


construído no município. A unidade tem custo mensal fixo de R\$ 5,2 mil e capacidade para processar 10 t de “Mel do Mato” por mês. “O ideal seria colocar essa quantidade do produto fracionado no mercado mensalmente. Porém, ainda não conseguimos comercializar duas toneladas. Falta um sistema de distribuição eficiente”, lamenta Marlene. Em meados deste ano, deve ficar pronto um segundo entreposto na cidade, construído com recursos do Ministério da Integração Nacional. Desta vez, o local terá SIF, o que permitirá a venda dos produtos para outros estados.

DIVERSIFICAÇÃO – Apenas mel é produzido em escala comercial em Mato Grosso, mas a apicultura também pode dar origem a produtos como própolis, pólen, geléia real e cera. Representantes da Feapismat, Sebrae e governo estadual apostam no pólen como segundo produto apícola mais produzido em solo mato-grossense nos próximos anos. Alguns apicultores do estado já fazem testes para comercializar pólen a partir de 2010.

Helen Camargo, técnica da unidade de agronegócio do Sebrae-MT, afirma que a produção de pólen vem crescendo em Mato Grosso, mas que ainda é desorganizada. Em sua opinião, o principal mercado consumidor do produto seriam outros estados brasileiros das regiões Sul e Sudeste, que têm o hábito de alimentar-se dele. “O mercado existe; não existem

pessoas preparadas para atendê-lo. Se o setor produtivo quiser, temos potencial para, em quatro ou cinco anos, ser um dos grandes produtores de pólen do país”, argumenta.

Outro benefício que pode ser trazido pelas abelhinhas é lembrado por José Catarino Mendes, apicultor e coordenador da cadeia produtiva da apicultura do Programa de Desenvolvimento Regional (MT Regional). No Cerrado, a polinização desses insetos pode aumentar a produtividade em lavouras de oleaginosas como o girassol e a soja. Ele cita como exemplo de sucesso os pomares de maçã em Santa Catarina nos últimos anos, que passaram a produzir frutos com maior qualidade e quantidade – cerca de 30 % a mais – quando consorciadas com colmeias arrendadas. “Os apicultores catarinenses recebem pelo aluguel e ainda colhem o mel. Quando acordarmos para isso em Mato Grosso, o agricultor vai fazer essa parceria com os apicultores e a produção vai aumentar”, defende.

Ainda há um longo caminho a ser percorrido até que a apicultura se torne uma opção para complementar a renda do produtor rural ou para que seja comum observar colmeias auxiliando no aumento de produtividade em lavouras mato-grossenses. De passo em passo, apicultores, seus representantes e comunidade científica vêm se mobilizando para mudar esse cenário e trazer viabilidade econômica à atividade. 

Mel dos índios

Por enquanto, em todo o estado, há apenas um entreposto com SIF – no Parque Indígena do Xingu. No início da década de 90, a Fundação Nacional do Índio (Funai) iniciou um projeto de produção de mel com os índios da região. Os trabalhos tomaram novo fôlego em 1995, quando o Instituto Socioambiental (ISA) passou a levar capacitação técnica e infraestrutura para a produção e o processamento de mel. Com os projetos, foram alocados recursos para fortalecer a atividade no parque indígena. Atualmente são onze casas de mel e um entreposto localizado no posto de Diauarum, onde é envasado o “Mel dos Índios Xingu”, marca que está no rótulo dos produtos. Desde 2001, o produto foi certificado como orgânico pelo Instituto Biodinâmico (IBD), com sede em Botucatu (SP).

A maior parte da produção – que foi de 2,8 t em 2008 e de 800 kg no ano passado – é vendida ao Grupo Pão de Açúcar, a R\$ 30/kg de mel; o restante é consumido nas aldeias. Desde a captação do produto nas aldeias até sua comercialização, todo o trabalho é feito por indígenas, através da Associação Terra Indígena Xingu (Atix). O escritório da associação, com sede em Canarana (822 km a nordeste de Cuiabá), cuida da distribuição dos frascos. Das 15 etnias que vivem no parque, seis participam do projeto: Yudja, Kayabi, Kisedje, Ikpeng, Trumai e Meihinako. São 25 aldeias, de um total de 58. A maioria pertence ao Baixo e Médio Xingu, onde o projeto começou. “Mas, além dos Meihinako, existem vários outros grupos do Alto Xingu que estão interessados em participar do projeto”, ressalta Alupá Kayabi, presidente da Atix.



A **ECOFLORA**, é uma empresa brasileira, que há mais de 15 anos é especializada em Engenharia Florestal e Ambiental. A **ECOFLORA** elabora e executa projetos, estudos, análises, relatórios e avaliações ambientais em áreas rurais e urbanas em todo o Brasil.

O serviço de gestão Ambiental e Florestal da Ecoflora abrange:

Cadastro Ambiental Rural-CAR. | **Licenciamento Ambiental (LAU, LP, LI e LO)** | **Projetos de Desmatamento** | **Imagem de Satélite** | **Manejo Florestal Sustentado (PMFS)** | **Reflorestamentos e Florestamentos** (elaboração e execução de projetos) | **Projeto de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD)** | **Exploração Florestal (EF)** | **Estudos e Relatórios de Impactos Ambientais (EIA-RIMA)** | **Plano de Controle Ambiental (PCA)** | **Projetos Ambientais para UHE, PCH, Linhas de Transmissão e Estradas**

Rua Porto Velho | 1119-N | Bairro Industrial | CEP 78.455-000 | Lucas do Rio Verde | Fone [Fax]: (65) 3459-3760
Av. Jules Rimet, nº 309, Salas 06 e 07 | Bairro Alvorada | Fone: [65] 4141-1511 | Fax: [65] 3621-4516 CEP: 78.455-000 Cuiabá - MT
E-mail: ecoflora@brturbo.com.br | Site: www.ecofloramt.com.br

